

Memorandos que o vento não levou: uma resenha de “Memo From Selznick”

Roberto Tietzmann

Professor da PUC-RS nos cursos de publicidade, cinema e vídeo e jornalismo, onde leciona em disciplinas relacionadas à realização audiovisual, montagem e tecnologia. Atualmente, cursa o doutorado em comunicação na mesma Universidade

Uma observação rápida sobre o panorama audiovisual no início do século XXI mostra um quadro cada vez mais fragmentado de produção, distribuição e consumo, onde o prestígio e a centralização da Hollywood do século XX parecem cada vez mais distantes. Aqueles, contudo, foram os anos de glória do produtor David O. Selznick. Em sua carreira, Selznick produziu filmes relevantes como “E o Vento Levou” (1939), “Rebecca, a Mulher Inesquecível” (1940), “Quando Fala o Coração” (1945) e “O Terceiro Homem” (1949).

Notório por seu desejo de controle pleno do processo de realização dos filmes, Selznick se comunicava com seus colaboradores através de notas ditadas que antecipavam e sucediam as reuniões envolvidas na preparação dos filmes. Tais notas traziam sugestões, correções, dúvidas, cobranças, e, mais raramente, elogios. Grande parte foi preservada e, anos depois, compilada e editada no livro “Memo from David O. Selznick: The Creation of ‘Gone with the Wind’ and Other Motion Picture Classics, as Revealed in the Producer’s Private Letters, Telegrams, Memorandums, and Autobiographical Remarks”. (Editado por Rudy Behmler, Modern Library, 2000). O livro contém em suas quase 600 páginas uma deliciosa compilação dos memorandos enviados por Selznick ao longo de cerca de 40 anos de atividades na indústria cinematográfica.

O voyeurismo implícito na proposta da obra epistolar torna-se especialmente saboroso para o leitor uma vez que a maioria dos filmes comentados é amplamente conhecida e deles o cinéfilo médio conheceu apenas a obra, não o bastidor da elaboração. Mesmo nestes dias de DVDs duplos e triplos onde o revelar do *background* em pistas de comentário e *making of*s passa a ser mais rico e interessante que a obra em si, dificilmente o espectador tem acesso às comunicações da equipe enquanto fazia o filme. Vemos depoimentos, finais descartados, cenas com câmeras alternativas em ângulos que revelam a construção de cada plano, mas não sabemos, por exemplo, o que Agustín Almodóvar (o produtor) disse a Pedro Almodóvar (o diretor) e às suas equipes. Este livro revela justamente isto, e Selznick tinha *muito* a dizer a seus colaboradores.

Ainda que a função de produtor possa variar em seu escopo (há produtores que se aproximam mais do gerenciamento de questões administrativas do que da rotina criativa do *set* de filmagem), Selznick afirmava que “a diferença entre eu e os outros produtores é que eu estou interessado nos milhares de

detalhes que envolvem a produção de um filme. É a soma de todas essas coisas que faz um grande filme ou o destrói. No modo que eu enxergo as coisas, minha função é ser responsável *por tudo*.” (pág. 25).

A carreira de Selznick é introduzida por uma biografia breve escrita pelo crítico Roger Ebert no início do livro. Nela o leitor é informado que David começou a carreira ainda na escola, trabalhando na divulgação de filmes produzidos por seu pai. A possibilidade de não apenas divulgar, mas também de controlar aspectos da produção, foi seguida em poucos anos.

Suas atividades foram extensas na produção, mas, exceto por raros curtas-metragens, Selznick nunca *dirigiu* um filme. Isto fornecia material para seus críticos afirmarem que ele preferia mandar do que correr o risco de fazer ele mesmo. Mesmo assim, a compilação de memorandos presentes no livro mostra uma sensibilidade aguçada para o que funciona e não funciona em um filme que se pretenda de amplo diálogo com o público. Selznick não fez filmes radicalmente inovadores ou experimentais, e suas disputas criativas no livro nominalmente revelam isto: alguém que queria de seus colaboradores o máximo de qualidade com uma ousadia criativa mantida sob o controle do produtor.

Embora tenha escrito memorandos profissionais desde o início da carreira, Selznick os preservou principalmente do período em que operou na MGM (a partir de 1933) em diante. Dos dez anos anteriores restaram relativamente poucos registros, afirma Rudy Behmler, autor do livro. Entre os memorandos dos primeiros anos, Selznick elogia o “Encouraçado Potemkin”, recomendando-o para distribuição nos EUA por suas qualidades cinematográficas. Mas questiona seu conteúdo ideológico.

Os dez anos seguintes à saída da MGM (em 1936) seriam os anos de glória de Selznick. Ele fundaria seu próprio estúdio, a Selznick International Pictures e produziria suas duas obras definidoras: “E o Vento Levou” (em produção desde 1936, lançado em 1939) e “Rebecca, a

Mulher Inesquecível” (em produção de 1938 a 1940). Os melhores trechos do livro tratam destes dois filmes. Como não temos acesso às respostas que Selznick recebia de seus colaboradores e empregados é impossível saber o que eles pensavam das opiniões de seu patrão.

Entre as anedotas e historietas presentes entre as centenas de memorandos, o leitor fica sabendo que Selznick comprou briga com os laboratórios Technicolor, ameaçando fazer “E o Vento Levou” em preto e branco se eles não restringissem a interferência na produção. Mas também enfrentou os censores de moral e bons costumes amparados pelo Código Hays ao exigir que a famosa frase que encerra o filme, “*Frankly, my dear, I don’t give a damn*”, dita por Rhett Butler (Clark Gable) a Scarlett O’Hara (Vivien Leigh), pudesse ser gravada sem ser alterada para algo menos blasfemador. *Damn* em inglês tem a conotação de condenar alguém ao inferno, e uma tradução em português para “não dou a mínima” falha em traduzir a ofensa que o original expressa. Em ambos casos, Selznick saiu vitorioso.

Tais histórias fazem boas anedotas de salão entre cinéfilos, mas seu valor está em recuperar o longo processo de tomada de decisões que acompanha a realização de um filme. Para cada escolha tomada houve várias opções possíveis, tão promissoras quanto. Alguém tem de tomar as decisões, e Selznick elegia tal responsabilidade para si. O livro lhe faz justiça e reafirma que fazer cinema, ontem ou hoje, requer liderança, mas também bom senso artístico e financeiro.

Referências Bibliográficas

SELZNICK, David; BEHLMER, Rudy (Editor). *Memo from David O. Selznick : The Creation of "Gone with the Wind" and Other Motion Picture Classics, as Revealed in the Producer's Private Letters, Telegrams, Memorandums, and Autobiographical Remarks*. Modern Library; 2000.